

Traduzidos dos respectivos originais, com introduções e notas explicativas, esta colecção põe o leitor em contacto com textos marcantes da história da filosofia.

Advertência do tradutor

Violência e ironia feroz – eis dois rasgos da crítica que Nietzsche fez ao Cristianismo, ao qual moveu em *O Anticristo* um dos mais virulentos ataques de toda a história espiritual do Ocidente. E, no entanto, a sua atitude perante o Cristianismo é ambígua: se a hostilidade e a recusa é o sentimento que sobressai perante a figura e a realização históricas do Cristianismo, sobretudo sob a forma de «Igreja», uma secreta admiração e atração para as exigências cristãs, ou o ideal cristão, não estão de todo ausentes em Nietzsche e são por vezes explicitamente patenteadas na sua obra.

Não surpreende, pois, a possibilidade de várias interpretações teológicas do seu pensamento. Para O. Flake, Nietzsche surge como o ponto mais alto do subjetivismo religioso e moral iniciado por Lutero, e cujo desenlace só podia ser o niilismo que abriu espaço, entre outros, aos ídolos do Estado, da raça e da ciência. Segundo W. Weymann-Weyhe, Nietzsche surge positivamente como uma das possíveis expressões da história da consciência cristã – uma posição parcialmente afim e paralela à de Kierkegaard, mas de sinal contrário. E até se afirmou que Nietzsche poderia figurar como iniciador de uma peculiar *imitatio Christi* (E. Benz, 1937)! Há, porém, que sublinhar o seguinte: a teologia contemporânea não estava porventura preparada para os problemas levantados pelo ataque de Nietzsche contra o Cristianismo, sobretudo pela ideia de «genealogia», que traz consigo uma suspeita radical, e pela tese do «ocaso do Cristianismo» que, de certo modo, é em Nietzsche uma

espécie de constatação e de diagnóstico a propósito da cultura moderna, mais do que um golpe da sua crítica. É nesta linha que dois teólogos protestantes interpretam o ateísmo nietzschiano: W. Nigg vê em Nietzsche um revolucionário da religião (aqui, distinta do Cristianismo e talvez não inconciliável com o postulado nietzschiano da fé em Deus como mentira) e uma encarnação do destino metafísico do homem moderno; Paul Tillich refere-se, a seu respeito, a uma busca de Deus para além de Deus⁽¹⁾.

Por outro lado, conhece-se o ponto de vista de Karl Jaspers, no escrito *Nietzsche e o Cristianismo* (1938): a luta de Nietzsche contra o Cristianismo nasce dos seus próprios *impulsos cristãos*, mas que desde o início surgem nele *despidos de conteúdo cristão*, isto é, emergem como energia do puro tender para o alto, descobrindo o desfasamento total entre a exigência e a concreção real.

É possível efetivamente inserir Nietzsche na história da consciência cristã, embora se deva reconhecer que a sua crítica ao Cristianismo não é um fim em si mesmo; aos seus olhos, e na sua visão pessoal da história, o Cristianismo é apenas um momento – decisivo, sem dúvida – de um processo mais amplo de falsificação da vida, que já vem de trás e que, sob certos aspetos, constitui quase o tecido permanente dos tempos do homem. Será este essencialmente «reativo», incapaz de dizer e fazer *sim à vida*? Revelar-se-á incapaz de superar a astúcia do não, de neutralizar uma vida persistentemente degradada? Como evento histórico, o Cristianismo, a enfermidade cristã – com o seu dualismo, os seus dogmas, as suas objetivações concretas – teve uma importância determinante, segundo Nietzsche, no contexto da civilização porque, no fundo, revelava uma cumplicidade interna com as estruturas profundas e inconscientes do homem. Não foi decerto a causa central, mas apenas um catalisador efficacíssimo e agravante de uma doença estrutural que nos habita e nos leva a esquivar-nos ao *sim integral* perante a vida multiforme. «Há no homem algo de fundamental, que não se conseguiu» – diz algures Nietzsche.

(1) Cf. G. Vattimo, *Introduzione a Nietzsche*, Bari, Laterza, 1985, pp. 139 e ss.

De tal modo é assim que o filósofo, longe de se ater exclusivamente ao Cristianismo histórico e institucional, se atira igualmente ao «Cristianismo latente» que, com a sua vontade de crença, impregna outras formas culturais e reina em domínios não diretamente religiosos. Semelhante «Cristianismo latente» pode insinuar-se na fé, na ciência (eis o sentido da crítica a David Strauss), na moral (de Schopenhauer, por exemplo, não obstante o seu ateísmo incondicional), na evolução das estruturas sociais e políticas do Ocidente, desde a Reforma até hoje (em particular, nos pressupostos da democracia ou do socialismo).

A crítica de Nietzsche ao Cristianismo é, pois, um ajuste de contas, mas no interior de uma denúncia muito mais vasta que abrange toda a cultura ocidental e, sobretudo, o seu resultado final, a cultura burguesa, à qual o filósofo fustiga e censura implacavelmente a sua obsessão pela quantidade, o seu culto do facto e da mera *utilidade*, a posse acumulativa do saber, o seu ativismo e a sua conquista das coisas (indícios da fuga e da perda de si mesmo) – comportamentos esses que nascem do *não* perante a vida e elevam ao esquecimento das questões últimas do «para quê», do «para onde» e do «donde».

Numerosos são os pontos que mereceriam um exame atento em *O Anticristo*: a génese do Cristianismo, a sua relação com o paganismo, a figura do judaísmo bíblico, a contraposição entre Jesus e Paulo, a mensagem gaia de Jesus, o sacerdote como tipo de função, a relação do Cristianismo com o tema da «morte de Deus», etc. A bibliografia que se propõe no fim do volume abre um campo de investigação possível em torno de tais questões.

A tradução tem como base o texto da «Kritische Gesamtausgabe», preparado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, publicada pela Verlag de Gruyter, de Berlim, a partir de 1967.

ARTUR MORÃO

Prólogo

Este livro destina-se a muitíssimo poucos. Talvez nem sequer um deles viva ainda. Serão esses, porventura, os que compreendem o meu *Zaratustra*... Como *poderia* eu misturar-me com aqueles para quem hoje se aprontam já ouvidos? Só o depois-de-amanhã me pertence. Alguns nascem póstumos.

Conheço demasiado bem as condições em que alguém me compreende e, além disso, *com necessidade* me compreende. Há que ser íntegro até à dureza nas coisas de espírito para aguentar a minha seriedade e a minha paixão; estar afeito a viver nas montanhas a ver *abaixo* de si o mesquinho charlatanismo atual da política e do egoísmo dos povos. Importa ter-se tornado indiferente, é preciso nunca perguntar se a verdade é útil, se chegará a ser uma fatalidade... Necessária é também uma preferência da força por questões a que hoje ninguém se atreve; a coragem para o *proibido*; a predestinação para o labirinto. Uma experiência de sete solidões. Ouvidos novos para uma nova música. Olhos novos para o mais longínquo. Uma consciência nova para verdades que, até hoje, permaneceram mudas. *E* uma vontade de economia de grande estilo: reter conjuntamente a sua força, o seu *entusiasmo*... O respeito por si mesmo, o amor próprio, a liberdade incondicional para consigo...

Pois bem, só esses são os meus leitores, os meus autênticos leitores, os meus predestinados leitores: *que importa o resto?* O resto é simplesmente a Humanidade. Há que ser superior à humanidade em força, em *grandeza* de alma – e em desprezo...

FRIEDRICH NIETZSCHE

Índice

<i>Advertência do tradutor.</i>	7
<i>Prólogo</i>	11
O Anticristo	13
Lei Conta o Cristianismo.	91
Bibliografia sobre Nietzsche e o Cristianismo	93